

O PÚBLICO E BASQUIAT: VIVÊNCIAS COM A ARTE DENTRO DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

THE PUBLIC AND BASQUIAT: EXPERIENCES WITH ART WITHIN THE BANCO DO BRASIL CULTURAL CENTER

EL PÚBLICO Y BASQUIAT: VIVENCIAS CON EL ARTE DENTRO DEL CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

Marina Oliveira Vaz Batista¹

RESUMO

No presente ensaio, procuro discutir a relação do indivíduo com a obra de arte, tendo como campo de pesquisa a exposição de Jean Michel Basquiat no Centro Cultural do Banco do Brasil, em Brasília, iniciada em abril de 2018. Com base na *performance* e nos significados atribuídos pelos agentes participantes – público, *staff* e arte-educadores –, tratarei a análise da experiência com a arte como uma ação coletiva simbolicamente construída pelo espaço e as relações situacionalmente desenvolvidas. Utiliza-se a etnografia como meio para avaliar tais circunstâncias.

Palavras-chave: Museu. Antropologia. Arte. Basquiat.

ABSTRACT

In the present essay, I try to discuss the relation between the individual and the work of art, having as a field of research the exhibition of Jean Michel Basquiat at the Cultural Center of the Bank of Brazil, in Brasília, begun in April 2018. Thinking from the performance and of the meanings attributed by the participating agents – public, staff and art educators – I will treat the analysis of experience with art as a collective action symbolically constructed by space and situationally developed relations. Ethnography is used as a means to evaluate such circumstances.

Keywords: Museum. Anthropology. Art. Basquiat.

RESUMEN

En el presente ensayo, intento discutir la relación entre el individuo y la obra de arte, teniendo como campo de investigación la exposición de Jean Michel Basquiat en el Centro

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB)

Cultural del Banco de Brasil, en Brasilia, iniciada en abril de 2018. Pensando a partir del rendimiento y de los significados atribuidos por los agentes participantes – público, personal y educadores de arte – trataré el análisis de la experiencia con el arte como una acción colectiva construida simbólicamente por el espacio y las relaciones desarrolladas situacionalmente. La etnografía se usa como un medio para evaluar tales circunstancias.

Palabras-clave: Museo. Antropología. Arte., Basquiat.

1. A EXPOSIÇÃO

Após dois anos de negociações e o desembolso de 15 milhões de dólares dos patrocinadores, Pieter Tjabbes, o curador da mostra, conseguiu trazer a exposição *Jean Michel Basquiat – Obras da coleção Mugrabi* para o Brasil. A mostra veio como um presente ao aniversário de Brasília, dia 21 de abril de 2018, e foi aberta ao público no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A definição do local foi fruto de uma parceria entre a Art Unlimited, empresa de produção artística criada por Tjabbes, e o Banco do Brasil, pela possibilidade de patrocinar a mostra.

A mostra é composta por mais de oitenta obras divididas em três salas: em duas encontram-se as telas do artista cronologicamente organizadas e a terceira é uma sala interativa. Nesse espaço estão objetos para tirar fotografias, máquinas que simulam a produção de um grafite, um filme interpretado por Basquiat e algumas pinturas de artistas brasileiros que o têm como referência estética, como Os Gêmeos, famosos grafiteiros de São Paulo.

Agora antes de adentrar o mundo das pinceladas de Basquiat, faz-se necessário responder à questão: quem foi e quem é este grande artista do século XX?

2. O ARTISTA

A escolha de quem seria o nome da próxima exposição que chegaria ao público brasileiro não foi inesperada, visto que Jean Michel Basquiat bateu o recorde de vendas da famosa casa de leilões nova-iorquina Sotheby's em 2017. E ao contrário de muitas grandes personalidades da arte, Basquiat conseguiu ter seu nome estrelado nesse campo ainda em vida, mesmo tendo vivido apenas até aos vinte e sete anos.

Nascido na Nova York dos anos 1960, negro, filho de pais estrangeiros e moradores do Brooklin, Basquiat conseguia refletir, como assinala Simmel (1973), as forças externas que a estrutura do cotidiano metropolitano exerce ao indivíduo moderno, característica que manteve, então, seus traços ainda vivos mesmo após mais de trinta anos de suas criações.

Em *A metrópole e a vida mental*, Georg Simmel (1973) aborda a pergunta que, acredito, ainda fazemos: como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas? O debate inicia-se com a discussão sobre a base psicológica de uma individualidade do tipo metropolitana, que se fundamenta em uma intensificação dos estímulos nervosos, impressões súbitas e uma rápida convergência de imagens em mudança. A meu ver, as obras de Basquiat são um reflexo dessa base psicológica. As telas trazem a falta de simetria e limites, cores fortes, a figuração abstrata e principalmente inúmeros signos que nos remetem ao mundo urbano. As telas do artista funcionam como a expressão de sua personalidade em meio às influências externas, isto é, sua individualidade mediante o que lhe é impresso de fora para dentro.

Com isso, pode-se enxergar Basquiat como a figuração do problema da vida moderna para Simmel, que seria a reivindicação de uma individualidade em face das forças sociais, herança histórica e cultura externa. Ele usava suas pinturas como expressão de sua liberdade e individualidade perante a vida caótica em Nova York, a relação da questão racial com a estrutura social americana contemporânea e sua posição em um campo artístico envolta a tudo isso.

Ele colocou a política e a questão racial dentro das galerias e logo se tornou um personagem popular legitimado pelas críticas de revistas de arte da época, como *Artforum*. Portanto, após esse resumo de quem foi Basquiat e o que ele representa hoje, firma-se a relevância da escolha do artista e da exposição para trabalhar sobre o diálogo do público com as obras de arte, escopo de nossa pesquisa.

3. A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

A primeira galeria é composta por seis salas divididas em dois andares. Nesse espaço, o público é convidado a conhecer Basquiat, desde sua infância até suas obras individuais principais, passando por suas relações de amizade, amorosas, livros e músicas que influenciam sua produção. As paredes são claras, dando ênfase às telas, que em sua maioria não possuem molduras, uma escolha do artista. Com suas pinceladas soltas, o uso

da escrita e materiais além do óleo sobre tela, Basquiat buscava causar no olhar a confusão da vida urbana.

A primeira obra da galeria de entrada da exposição é como que um resumo de tudo que Jean Basquiat significa e expressou em sua vida. Muitos não a enxergam como uma obra, por se tratar de um objeto e não um quadro, mas não haveria outra forma de apresentar o artista senão com ela. Isso porque, ao iniciarmos nossa caminhada por ela, percebemos que o artista não tem um começo, meio e fim. Jean Michel era um fluxo artístico que vivia e queria expressar a sua arte assim como ela brotava em sua cabeça. Seja em um objeto, ou em telas sem molduras, a arte pulsava e não tinha limites e é por essa porta que entramos na vida dele.

Figura 1 – A porta de Basquiat



Fonte: Fala! Universidades

Foi fácil perceber um maior interesse do público em discutir as obras expostas nessa primeira fase da visita. Provavelmente por se tratar da primeira galeria da exposição, a curiosidade em compreender o enigma da arte aparecia rapidamente. Era o momento de maior dúvida e confusão, explicitadas por afagar de queixos, olhares confusos, comentários como: “O que significam essas formas de animais? ”; ou até mesmo, “Isso aqui até o meu filho fazia”. Em suma, uma onda de insatisfação do público visivelmente sempre se alastrava nessas primeiras salas.

Por ser uma exposição que pode se enquadrar como arte contemporânea, pelo fato de a temporalidade do artista ter se dado após a Segunda Guerra Mundial, a clareza e a formalidade já não eram mais prioridades de um pintor. Mas, como se pode entender valendo-se do livro *A distinção* (1979), de Pierre Bourdieu, pessoas aprendem a reconhecer os signos do admirável, ou seja, aprendem a diferenciar o belo do feio mediante padrões estabelecidos. Sendo assim, adotam um ponto de vista estético a algo já preestabelecido esteticamente, dada a compreensão de que obras clássicas, acadêmicas, que buscam a perfeição de detalhes e nos mostram cenas vívidas e palpáveis, são mais bem-recebidas por um certo tipo de público.

A segunda galeria é onde se encontram as obras da parceria de Jean Michel Basquiat e Andy Warhol. Três grandes salas com as paredes pintadas de preto causam impacto ao se contrastar com as cores fortes dos quadros expostos. As telas nessa parte são de dimensões maiores, cores primárias sólidas, nas quais se nota maior influência da *pop art* de Warhol. De acordo com Tjabbes, curador da mostra, Warhol iniciava os quadros – e os fez pintando, como já não fazia há algum tempo – e, depois, o jovem Jean finalizava com suas intervenções.

Figura 2 – Sala Warhol e Basquiat



Fonte: *Lost Art*

A segunda sala está repleta de referências à presença dos negros na sociedade americana contemporânea. Em meio a diferentes texturas e materiais, como a madeira e caixas de papelão, o artista queria enfatizar o padrão que a vida social e a cultura de massa colocavam aos negros, sendo representados sempre por estereótipos de preconceitos raciais, como o periférico, o ladrão, o *outsider*.

E Basquiat, sendo um homem negro e filho de pais estrangeiros, mesmo que incluso nesse mundo glamoroso do mercado da arte, sofria a violência de ter o seu corpo vítima de conflitos na rua. Os Estados Unidos dos anos 1980 ainda viviam um forte sistema de segregação. Por isso, Jean Michel, mesmo sendo o nome que estava dentro de todas as galerias, ao sair nas ruas não conseguia pegar um táxi de volta para casa, como informam vários *sites* sobre o artista.

Figura 3 – Obra: “A procissão”

Fonte: *Lost Art*

A última parte da exposição é uma galeria de vidro no gramado do Centro Cultural. Nela, foi criada uma reprodução do ateliê de Basquiat, em que estão expostas as telas de artistas brasileiros como Alex Hornest, Carlos Dias, Fefe Talavera, Herbert Baglione, Ise, entre outros. Essas telas faziam uma composição *à la* Basquiat na parede do ateliê, com objetos para tirar fotos, a coroa, símbolo várias vezes visto nas obras de Basquiat, em uma pequena sala para a reprodução de um filme e em outra para jogos interativos.

Essa parte da exposição é de fácil descrição, visto que se tratava de *performances* do público e as pessoas estavam ali simplesmente se divertindo. Era como se a saída das paredes de gesso das galerias e a transparência do vidro permitissem uma maior espontaneidade. Criava-se o cenário adequado para a troca de *performances*, em que o público deixava de lado aquelas solicitadas em uma galeria com padrões clássicos de museus e centros culturais, como o silêncio e o andar calmo entre telas, para uma em que era possível passear, rir, brincar e tirar fotos.

O discurso oficial dos museus, exposições e autores que utilizam e falam sobre a interatividade é baseado na ideia de que ela é um fator importante para a desfetichização da exposição artística, o que torna a experiência mais prazerosa e incentiva a democratização da arte. Acerca disso, vejamos o que referem Kruschke e Malgarin (2013, p. 62-69):

A interação aparece com o papel de identificar a apropriação pelos espectadores dos meios técnicos e da obra de arte em si. Além disso, a interatividade está ligada à subjetividade e a uma presença do indivíduo na obra. [...] A interação questiona a noção de contemplação, há muito consolidada na arte do artista como detentor da obra, do espectador como mero observador, recebendo informações já dadas.

A despeito desses argumentos, ao observar o público nessa sala interativa, outros questionamentos vieram à minha cabeça. Se esse discurso teórico se encaixa à prática, deveria ocorrer uma quebra da distância entre o visitante e a obra de arte, fazendo com que a experiência com a arte seja mais prazerosa. Porém, o que pude visualizar é que aquele ambiente parecia não ter mais relação com o resto da exposição, visto que a arte pela arte, em que a contemplação das obras se dá apenas pela experiência estética, não é atingida e transformada pela interação do público com ela. No lugar disso, pode-se dizer que houve uma troca de termos: interação por interação.

As pessoas que me respondiam ter gostado daquela parte da exposição não estavam fazendo conexões e relações com a arte anteriormente vista, mas sim com um outro momento de lazer mais prazeroso do que estar dentro de alguma exposição de arte. O fato de ser também o espaço onde não estavam expostas as obras do artista deve ser considerado. Isso é no mínimo contraditório/curioso.

Talvez se refira a uma galeria que foi planejada não para favorecer uma interação maior com a arte, ou alguma relação contínua dali em diante, mas para que aqueles que ali se divertiram mais possam sair e repercuti-la.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode ver, a interação dos indivíduos com a obra de arte é um fenômeno coletivo formado pelas relações que se constroem no espaço. Há uma reapropriação da experiência artística pela sociedade, a qual se dá pela quebra da assimetria entre público e pintor, ou melhor, entre o público e a arte em si. Os códigos necessários para a compreensão das telas, antes tão distantes de um público sem estoque de conhecimento (GIDDENS, 2000) especificamente artístico, são traduzidos para uma outra disposição de códigos, acessível ao grupo.

Brasília é uma cidade única, simétrica e funcional. Jean Michel Basquiat é um artista que representa a mente infinita, o urbano e a confusão. Ambos – Brasília e Basquiat

– propõem ideias de modernidade, mas de formas distintas, o que resulta em uma não compreensão dessas duas partes. O público brasileiro não conseguiu se enxergar na essência da metrópole nova-iorquina dentro das pinceladas fora de alinhamento do artista, e a exposição de Basquiat não conseguiu angariar o público esperado, como se viu nas filas de São Paulo. A heterogeneização do público, dada pelo espaço multifuncional como o Centro Cultural Banco do Brasil, foi um fator decisivo no resultado daquela exposição, em que a maioria daqueles que visitaram entrou sem saber quem era Basquiat e saiu conhecendo, mas sem compreender de fato o porquê de aquelas obras estarem sendo expostas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Rio de Janeiro: Zouk, 2006.
- CHIPP, Herschel Browning. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DIAZ, Al. Al Diaz explains the origin of SAMO. 2018. Disponível em: <<https://al-diaz.com/al-diaz-explains-the-origin-of-samo>>. Acesso em: 16 jan. 2018.
- GIDDENS, Anthony. *A dualidade da estrutura: agência e estrutura*. Oeiras, PT: Celta, 2000.
- LEITÃO, Débora Krischke; MALGARIN, Marcello da Silva. Interagir é fazer? Uma descrição de uma exposição de arte digital e interativa. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 22, p. 1-384, 2013.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.